ZIZEK, Slavoj, Trad. Rogério Bettoni. *O ano em que sonhamos perigosamente*. São Paulo: Boitempo, 2012.

Adilson Carlos Batista¹, Gesualda dos Santos Rasia²

Slavoj Zizek nasceu em março de 1949, na cidade de Liubliana, Eslovênia, considerado um dos principais teóricos contemporâneos, transita por diversas áreas, trazendo discussões críticas culturais e políticas relevantes da pós-modernidade para o meio acadêmico. Além de PHD em filosofia, também é psicanalista. Sua obra dialoga com Karl Marx, Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Immanuel Kant, Friedrich Wilhelm Joseph Schelling e Jacques Lacan. Doutou-se em Filosofia na sua cidade natal e estudou Psicanálise na Universidade de Paris. Atua principalmente nos campos da teoria política, análise cultural e cinematográfica e teoria psicanalítica. É professor da *European Graduate School* e do *Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana*, presidindo a Sociedade de Psicanálise Teórica, é diretor internacional do Instituto de Humanidades da Universidade Birkbeck (em Londres) e professor convidado da Universidade de Vermont (EUA).

A obra “O ano em que sonhamos perigosamente” é composta por oito ensaios de Slavoj Zizek (Da dominação à exploração e à revolta; O “trabalho de sonho” da representação política; O retorno da má coisa étnica; Bem-vindo ao deserto da pós-ideologia; Inverno primavera, verão e outono Árabes; Occupy Wall Street, ou o silêncio violento de um novo começo; The Wire, ou o fazer em épocas não eventivas; Para além da inveja e do ressentimento), apesar de o livro ser dividido em ensaios, há um todo coerente que mantém o mote de análise. Nessas reflexões, o autor, de forma segura, por não estar afastado dos acontecimentos, vai recuperando fatos da história e traçando questões filosóficas e psicanalíticas em torno dos movimentos e ondas de protestos ocorridos em 2011 ao redor do mundo.

A escolha do título configura-se como provocação, pois, ao se deparar com essa sequência de palavras, o leitor fica aguçado e curioso para conhecer a obra, imediatamente também procura saber que ano é esse em que sonhamos perigosamente e busca, em sua memória, acontecimentos históricos que poderiam sinalizar para tal título. Entretanto, ao adentrar o texto, descobre que os fatos narrados e analisados pelo filósofo são recentes, pois se tratam dos movimentos e ondas de protestos ocorridos em 2011, tais

1 Mestrando em Linguística - UNICENTRO/PR

2 Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora na UFPR.

como a Primavera Árabe, o movimento Occupy Wall Street, os protestos nos subúrbios do Reino Unido e os ataques de Breivik.

Nas primeiras páginas, Zizek propõe uma releitura de *O Capital*, a partir da centralidade e estrutura fundamental do desemprego, categoria que está no cerne do capitalismo, com recategorização da noção clássica de “exército industrial de reserva”. Defende ele a necessidade de se considerar, também, as populações maciças ao redor do mundo, “desligadas da história”, excluídas deliberadamente dos projetos modernizadores do capitalismo do primeiro Mundo.

Uma situação, específica, apontada pelo autor no que ele designa de “congonização” é a Líbia que, depois da intervenção britânica, está dominada por gangues armadas que vendem petróleo diretamente aos consumidores, portanto, por detrás dessa guerra étnica há uma coparticipação utilizada como estratégia para manter o capitalismo e, ainda, a exploração no uso de matéria-prima barata. Livre de um poder estatal forte, mantém-se o desmembramento do Estado condenado à maldição do petróleo ou dos minerais ricos.

Cita, também, o caso daqueles que foram educados sem nenhuma chance de conseguir emprego em sua área, mas que lutam por uma emancipação, levando a grandes protestos, como aqueles ocorridos no Egito e nos países europeus, desde a Grécia até o Reino Unido. Segundo o autor, não tem nada pior do que subordinar a educação às demandas do mercado. Incontestavelmente essa realidade assola quase todos os países considerados de primeiro mundo. Nesses, os estudantes universitários encontram um mercado saturado e precisam buscar o direito de trabalho, isso não só causa revolta, como o assujeitamento a condições de trabalho precário e, ainda, fora de sua área de formação.

Como se observou, os explorados não são somente aqueles trabalhadores que produzem a mais-valia, mas também aqueles que, de alguma forma, são tolhidos do sistema, isto é, os explorados não são somente aqueles que criam, mas também aqueles condenados a não criar. Nesse sentido, fica evidente a exploração natural inscrita no funcionamento da economia, uma dominação intrínseca ao processo de produção, pois a totalidade capitalista de produção não só precisa de trabalhadores, como também gera “exército de reserva”. Considerando essa realidade, estar empregado é um “privilegio”. Essa mudança de paradigma faz surgir uma nova burguesia, os assalariados que não têm a “mais valia” e sim “mais salário”; eles não são mais donos, porém empreendedores e gerentes especializados, funcionários públicos etc., uma nova “burguesia” disposta a ganhar mais pela sua

competência. A realidade é que os procedimentos avaliativos são mecanismos arbitrários de poder e ideologia que não medem a competência, mas têm objetivos claros de uma política para manter uma “classe média” com uma estabilidade social.

Isso faz surgir uma produção imaterial, produção simbólica que não cabe no mercado e gera descontentamento e protestos. Segundo Jean-Pierre, citado por Zizek, são quatro os dispositivos simbólicos que regulamentam essa nova relação de capital: a hierarquia; a desmistificação; a contingência e a complexidade. A hierarquia constitui os valores e papéis sociais criados para os sujeitos, apresentando a ideia de superior e inferior; a desmistificação seriam procedimentos críticos ideológicos que, na perspectiva de inferior /superior, não se constituem da meritocracia, são resultados de lutas sociais e ideológicas; a contingência seria o mesmo mecanismo, entretanto com uma vertente para os “sortudos/ abastados” que nascem em famílias ricas; a complexidade estaria relacionada diretamente ao processo de insucesso ou sucesso regulamentado pelo mercado.

Com as mudanças na forma de se constituir o capital, o neologismo “Mais-salário” torna-se objeto de desejo por todos e inclusive para os estudantes, contudo, esse desejo vem acompanhado pelo medo de não encontrar um lugar ao sol e se fazer presente nessa rede capitalista de mercado, gerando, assim, ondas de protestos e revoltas em relação à perda ou ao ganho desse privilégio.

O sistema capitalista atual não apresenta mais estabilidade autorreguladora, mostrando-se uma ameaça iminente de saída do controle. Um aspecto que sobressai são as justificativas apontadas pelo filósofo a partir de uma leitura lacaniana, ele propõe que muitas dessas ações são patologias que justificam até mesmo o antissemitismo dos nazistas. Todo processo de dominação tem como mote a exploração e cita os Estados Unidos e sua estratégia para o modelo econômico vigente, pois muitos países confiam nesse país e é preciso manter a “confiança” nessa rede ideológica econômica e militar, mesmo que para isso seja necessário um estado de guerra permanente e apoiar o Estado sionista de Israel, velha e boa troca de favores. Com base nesses dados, fica fácil compreender que tudo tem uma lógica significativa, o processo de dominação se fixa na exploração, mesmo que ela não seja evidente aos olhos dos sujeitos, ela é exercida e regulada indiretamente pelo mercado.

A economia presente nesse processo mercadológico é que vai determinar e estruturar a sociedade, assim as lutas de classe são constantes, uma vez que tudo é regulado pela ordem do político e do ideológico. Estas se

tornam o princípio e o fim regulador que permite explicar e justificar o papel sociopolítico do outro.

Em nome das conquistas ideológicas sempre há uma justificativa, mesmo aquilo que é negativo é tomado como positivo. Assim, barbáries como antissemitismo, racismo, sexismo, homofobia, entre outras, se espalham pelo mundo, somadas ao ódio ao multiculturalismo e a muitos que se revelam sem valor objetivo, sem uma proposição aparente, mas que, de alguma forma, acontecem e geram violências, como os grandes movimentos estudantis ocorridos em 2010. Isso leva a concluir que o capitalismo é a primeira ordem socioeconômica a perder, em partes, sua totalização, e as revoltas são resquícios da produção de uma ideologia capitalista hegemônica que vê sua estrutura sendo abalada.

Segundo o autor, após a desintegração dos regimes comunistas ocorrida em 1990, não houve maiores projetos ideológicos, e vivemos em uma época de pós-ideologia, pois, como se observou, os acontecimentos não acabaram em grandes catástrofes totalitárias, mas em ondas pouco significativas e comuns à nova era de política racional. Fica visível que está ocorrendo uma mudança no capitalismo, e isso vem prejudicando aqueles que se encontram “fora/dentro” desse processo, pois essa posição paradoxal os leva a assumir uma violência desprovida de sentido. Talvez, essa nova forma de protestar não tenha realmente essa grandiosidade que chegou a mudar estruturas políticas mundiais e culturais, mas não deixa de ser ideológica, pela busca de ascensão daqueles que se sentem excluídos, de alguma forma, desse “novo capitalismo” que vem chocando cada vez mais com a democracia vigente em muitos países. Será que não seria uma “volta ao básico” da década de 90?, pergunta-se o autor. Talvez a reafirmação de instintos selvagens escondidos atrás de uma classe burguesa, ou ainda, a preponderância de uma ideologia hegemônica cínica.

O que se vê e o que se viu são polos entre os desfavorecidos e favorecidos, porque existe um conflito entre a sociedade e a não sociedade. Isso ficou comprovado com o movimento da Primavera Árabe, que iniciou no Irã e explodiu no Egito, no qual se mostrou que a guerra é contra um longo processo de opressão autoritária. Toda a população foi convocada a lutar, independente da religião, o movimento uniu muçulmanos e coptas na praça Tahrir para mostrar que “somos um”, sem divisão ou qualquer tipo de ceticismo religioso, exigindo não só a liberdade de mercado, mas justiça econômica e social, uma verdadeira busca emancipatória em que todos queriam a saída de Hosni Mubarak para que o Estado pudesse progredir. O que realmente aconteceu foi uma abertura de protestos e transformações

políticas de ordem mundial que se concentrou principalmente no Oriente Médio e Norte do continente africano para apelar em prol da liberdade e da justiça secular e universal.

As conquistas ainda não são visíveis, mas o que Zizek destaca é que, logo após o evento, abriu-se uma “vala” entre islamitas e esquerdistas radicais que dificilmente será fechada, permanecendo a seguinte questão: o que acontecerá amanhã? Como esta explosão emancipatória será traduzida em uma nova ordem social? Uma “coisa” é certa, o exército (grande patrocinador de ajuda financeira dos Estados Unidos) e os islamitas continuarão sendo os coveiros que zelam pela morte de muitos daquele povo.

O fascismo islâmico tende a crescer cada vez mais, comprovando que a esquerda fracassou, como afirmou Zizek, citando Walter Benjamim “toda ascensão do fascismo é o testemunho de uma revolução fracassada”. Por mais que houvesse burburinhos de revolução, a esquerda não soube conduzir e mobilizar para uma verdadeira revolução, e o resultado será o desaparecimento de uma esquerda nos países muçulmanos. Contudo, como se pode concluir, após as revoltas da Tunísia e do Egito, ficou visível que se as forças liberais continuarem ignorando a esquerda radical, ela poderá criar uma onda fundamentalista intransponível e, para que o legado liberal continue vivo, os liberais precisam de uma ajuda fraternal da esquerda radical, embora haja um grande apoio às explosões democráticas, há uma luta para a sua apropriação e transformação em uma espécie de “revolução de veludo”, igual à pró-democracia no Leste Europeu.

Não se pode esquecer de que nenhum dos países onde vêm ocorrendo os movimentos populares são democráticos, todos são autoritários em maior ou menor proporção. Dessa forma, o grito também foi para constituir uma democracia. Como se a pobreza fosse resultado da ganância e da corrupção de quem está no poder, bastando somente livrar-se deles. Muito mais do que isso é preciso ser feito para que realmente as mudanças sejam concretas, pois - depois do inverno egípcio - os islamitas seguirão tolerando os privilégios do exército para em troca conseguir ganhar cada vez mais hegemonia ideológica e, mesmo trocando os governos, mantém-se sempre um islamismo militante. No entanto, quatro anos depois, surge um “novo grupo querendo um estado islâmico puro”, avançando cada vez mais, tentando impor ideologias, principalmente religiosas e em um nível muito maior de destruição e violência, um movimento que anda resgatando pessoas (soldados) no mundo inteiro.

Dessa forma, compreende-se que as questões econômicas mal resolvidas sempre retornarão e levarão as pessoas pobres ou não para as ruas, e a

questão que resta é que organização social poderá substituir o capitalismo vigente? Que órgãos, incluindo aí os de controle e repressão? Será que existe uma solução?

De forma análoga, Zizek realiza a análise de outro movimento, o Occupy Wall Street (OWS), que também pode ser considerado eco dos anteriores, contudo o que está em jogo nesse movimento não é a luta pela democracia, pois isso os Estados Unidos já possuem, mas o protesto deu-se contra a desigualdade econômica e social, a ganância e, principalmente, a corrupção, sobre a qual o filósofo apenas afirma que o problema central estaria no sistema, que incita as pessoas a serem corruptas.

O conjunto de fatos problematizados leva Zizek a afirmar que mudanças precisam ser construídas de forma sólida, com um corpo político forte e capaz de tomar decisões rapidamente e de realizá-las com todo o rigor necessário. A grande questão que surge é quem conseguiria estabelecer uma nova ordem e estabelecer uma nova ética, apagando os resquícios antigos? O autor aponta para a necessidade de uma revolução cultural, com mudança radical no sistema capitalista “pós-moderno”, no qual, por exemplo, temos, como maior símbolo criativo, a Apple, que foi sustentada por Steve Jobs até sua morte no ano marcado pelos movimentos. Esta é uma marca que reflete também os maiores desejos de consumo da grande maioria da população mundial, mas que precisa de trabalho escravo de empresas como a Foxconn, que possui grandes fábricas na China. Tudo isso são resultados do sistema que não apresenta equilíbrio e precisa dos exploradores e explorados para se manter, bem como um consumo exagerado pela população desses produtos que funcionam como molas que impulsionam cada vez mais o mercado, criando distorções financeiras necessárias para alimentar o capital dos exploradores.

As questões centrais a perpassarem toda a obra é: O que vamos propor no lugar da organização econômica predominante? Onde vamos procurar os germes do novo naquilo que já existe? É preciso uma afirmação que transcenda o campo específico em que se punha a negação a partir da proposição hegemônica. Sair do campo de possíveis estabelecidos pelas premissas compartilhadas pela negociação com a institucionalidade do poder e abrir um novo campo de forças para gerar uma situação nova.

O que se viu com todos os movimentos ocorridos em 2011 é a representatividade de um descontentamento com o sistema capitalista global “pós-moderno” que afeta cada vez mais o sistema democrático e, também, aqueles que não estabeleceram a democracia.

Assim, pode-se afirmar que esse ano foi “o ano em que sonhamos perigosamente”, porque significou o ressurgimento da política emancipatória

radical em todo o mundo, mas, agora, podemos concluir, concordando com o autor, que o despertar foi frágil e inconsistente. Na Primavera Árabe o que se viu foi um fundamentalismo religioso afetando muitas comunidades sem perspectiva de futuro; na Occupy Wall Street foi somente mais um eco sem muita resposta, uma espontaneidade abafada pela polícia no Zuccoti Park e outros acontecimentos de mesmo nível em todo o mundo: os maoístas no Nepal parecem ter sido vencidos pelas forças reacionárias monárquicas; a revolução bolivariana da Venezuela experimenta um retrocesso cada vez maior rumo a um populismo de caudilho, enfim, momentos de depressão como sinais de um futuro com o qual precisamos nos preocupar, uma vez que esses fatos já se fizeram presentes na tessitura da história. Contudo, em termos hegelianos, a abertura emancipadora para o futuro só se faz enquanto negação: enquanto “abertura negativa” pela negação da negação. Concordando mais uma vez com o filósofo, em vez de analisar os eventos como parte de um contínuo de passado e presente, precisamos buscar como perspectiva do futuro, “isto é, deveríamos analisá-los como fragmentos limitados e distorcidos (às vezes até pervertidos) de um futuro utópico que está inativo no presente como potencial oculto. E lembrar: mesmo sabendo reconhecer os sinais do futuro, somente vivemos e o confirmamos quando esse se faz presente em nossas vidas, ou seja, quando ele chega até nós. Os sinais desse tempo funcionam como reguladores aos quais precisamos estar atentos, pois seu status é subjetivamente medido e não é discernido de nenhum estudo neutro, os fatos apenas se repetem de forma rearranjada. A superação é uma transcendência da esfera política, devendo contemplar também a rede apolítica das relações sociais, do mercado e da família. Portanto, não é somente uma mudança política, contudo, nas relações sociais apolíticas de produção, uma vez que ninguém mais considera seriamente as possíveis alternativas ao capitalismo. É mais fácil imaginar um colapso da natureza que resulte no fim do mundo do que uma mudança muito modesta no modo de produção.

Recebido em: 22/06/2015. Aceito em: 20/07/2015.